

SANTOS, Milton

POR UMA OUTRA GLOBALIZAÇÃO: DO PENSAMENTO ÚNICO À CONSCIÊNCIA UNIVERSAL

Rio de Janeiro, 3.ed, Ed. Record, 2000, 174p.

Rita de Cássia Ariza da Cruz

O mundo viveu, recentemente, momentos de total estarrecimento diante dos atentados terroristas que atingiram os EUA. Início de novo confronto mundial? Retaliações? A quem ou a que nações?

Se as respostas a essas e outras questões derivadas ainda não existem, uma verdade parece despontar como absoluta: a história das relações internacionais precisa tomar novos rumos e o respeito aos "mais fracos" e à diferença deverá ser o mote da mudança.

O título dessa obra de Milton Santos é extremamente oportuno diante dos fatos que se nos apresentam: *Por uma outra globalização!*

Naturalmente, porque a globalização que está instaurada no mundo não é apenas fábula, conforme colocado pelo autor; ela é, também, perversidade.

"De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades" (p.19).

Mas por que perversidade? Alguns problemas sociais de nosso tempo autorizam o autor chegar a essa conclusão; problemas esses frutos de questões estruturais cuja existência não se pode negligenciar.

"O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de

vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção" (p.20).

Embora não aborde questões como o terrorismo ou ações extremistas de grupos religiosos fundamentalistas, Milton Santos mostra, objetivamente, ao longo desta obra, os perigos, para toda a humanidade, do exercício tirano dos atores hegemônicos dessa globalização perversa.

"A globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada" (p.65).

Em um mundo assim concebido, matar, seja por que motivo for, pode ser algo absolutamente banal.

O que está na base do processo de globalização, lembra o autor, é uma conjunção de fatores: a *unicidade da técnica* (possibilitada pelo avanço na técnica de informação), a *convergência dos momentos* (igualmente decorrente dos avanços nas técnicas e, conseqüentemente, nos sistemas de informação), a *cognoscibilidade do planeta* (devida aos progressos da técnica, que, por sua vez, são devidos aos progressos da ciência) e a existência de um *motor único* na história, representado pela *mais-valia universal* (p.24).

No que se refere aos fatores constitutivos da globalização, em seu caráter perverso atual, Milton Santos aponta a natureza despótica da informação (*"O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde"*, p.39) e a violência do dinheiro (*"Essa presença do dinheiro em toda parte acaba por constituir um dado ameaçador da nossa existência cotidiana"*, p.44).

Competitividade e consumo são, por sua vez, conforme o autor, *baluartes do presente estado de coisas*, aos quais se somam, como iguais sustentáculos desse processo, a *confusão dos espíritos* e o *globalitarismo*.

Mas o título desta obra não remete apenas à evidente necessidade de revisão de postulados e posturas; ele anuncia, também, a visão otimista do autor com relação ao futuro, claramente consubstanciada ao longo de seus capítulos, especialmente capítulo V – *Limites à globalização Perversa* –, e capítulo VI – *A transição em marcha*.

Milton Santos fala de *variáveis ascendentes* que permitem pensar que se estão produzindo as condições de realização de uma *nova história*. Neste sentido, aponta alguns fatos que lhe pareceram característicos das mudanças em curso, como o *crescente desencanto com as técnicas*, acompanhado por uma *gradativa recuperação do bom senso*, em oposição ao senso comum; a *impossibilidade relativamente crescente de acesso às técnicas*, em virtude do aumento da pobreza em todos os continentes; a sobrevivência e criação de novas téc-

nicas não hegemônicas apesar da capacidade invasora das técnicas hegemônicas (p.119).

Outro dado objetivo, que aponta o horizonte de mudança, seria, conforme o autor, *"o fato de que a realização cada vez mais densa do processo de globalização enseja o caldeamento, ainda que elementar, das filosofias produzidas nos diversos continentes, em detrimento do racionalismo europeu, que é o bisavô das idéias de racionalismo tecnocrático hoje dominantes"* (p.121).

Se a globalização como se dá hoje é perversa e não deve interessar ao futuro das sociedades, o que poderia substituí-la?

Uma outra globalização, como sugere inicialmente o título da obra. Uma globalização em que a *"centralidade de todas as ações seja localizada no homem"* (p.147).

"Ousamos ... pensar que a história do homem sobre a Terra dispõe afinal das condições objetivas, materiais e intelectuais, para superar o endeusamento do dinheiro e dos objetos técnicos e enfrentar o começo de uma nova trajetória" (p.173).

"A primazia do homem supõe que ele estará colocado no centro das preocupações do mundo, como um dado filosófico e como uma inspiração para as ações" (p.147).

Oxalá as indicações otimistas do grande mestre, ilustre geógrafo, professor Milton Santos não somente sejam "portadoras de futuro" mas que seu futuro seja muito próximo, pois o presente tem sido penoso para grande parte da humanidade.

Apenas para finalizar, cabe dizer que o livro está subdividido em seis capítulos que, por sua vez, contém, ao todo, trinta subcapítulos. Uma característica das obras de Milton Santos: a fragmentação do texto que, ao contrário de fragmentar as idéias, conduz o leitor, de forma ordenada, na construção de seu raciocínio.